

Evangelização e promoção humana à luz da *Evangelii Gaudium* e da Doutrina Social da Igreja

Edmilson José dos Santos*

Resumo: O tema da evangelização é sempre urgente e atual no âmbito eclesiológico-pastoral, pois constitui a identidade da Igreja. A presente pesquisa visa abordar o tema: Evangelização e promoção humana: reflexões a partir da *Evangelii Gaudium* e a Doutrina Social da Igreja. Parte-se do pressuposto de que o anúncio do Evangelho possui um conteúdo e um apelo social, pois sua essência é a caridade. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco propõe o tema da evangelização no mundo atual, convidando a Igreja a assumir um novo estilo missionário, a partir de um olhar para fora de si mesma, na direção das periferias geográficas e existenciais, onde se encontram os “últimos”. A conexão com a Doutrina Social da Igreja está na compreensão de que a evangelização é um serviço à vida e à promoção da dignidade humana e, por isso, diz respeito à todas as dimensões da pessoa humana, visando sua plena libertação. Esta comunicação é resultado de uma análise da *Evangelii Gaudium* e sua correlação com elementos da Doutrina Social da Igreja no que se refere à dimensão social da evangelização. Espera-se contribuir para o aprofundamento da teologia do querigma, a partir das proposições do Papa Francisco em sua primeira Exortação Apostólica, tendo presente os atuais desafios da ação evangelizadora.

Palavras-chave: *Evangelii Gaudium*. Doutrina Social da Igreja. Evangelização. Promoção humana. Pobres

1. Introdução

Sempre convém recordar que evangelizar é a vocação, a própria natureza da Igreja, como dizia Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (EN 14). Impelida pelo mandato de Cristo: “ide e anunciai a Boa Nova” (Mc 16,15), a Igreja é constantemente enviada a levar a boa notícia de Jesus Cristo a toda humanidade, a fim de fazer novas todas as coisas pelo influxo do Evangelho (EN 18). Tudo o que a Igreja promove - no ensino, na pregação, na liturgia, nos sacramentos e na caridade – tem a peito a sua nobre missão, que é evangelizar.

Para que a ação evangelizadora seja eficaz, faz-se necessário que a Igreja conheça profundamente o projeto de Jesus Cristo e a história humana, pois é no terreno do coração do mundo que se deve plantar as sementes do Reino de Deus, para emergir daí o sopro de vida e esperança que anuncia o raiar de um novo tempo.

O núcleo central da evangelização é o querigma, tão bem descrito na *Evangelii Gaudium* como “o anúncio do amor pessoal de Deus que se fez homem, entregou-Se a Si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade” (EG 128). Quem acolhe a Palavra de Jesus, faz a experiência de um encontro que transforma a vida e de uma alegria que deve ser compartilhada (EG 1).

* Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: PUC-Rio. E-mail: milsom78@hotmail.com

A evangelização deve atingir todas as dimensões da vida, pois o ponto de partida do anúncio é o Deus que se encarnou na história humana para compartilhar as dores e alegrias do ser humano e lhe possibilitar a experiência de uma nova vida. “Nada do que é humano é alheio à evangelização” (EG 181).

Esta reflexão se propõe abordar o tema: evangelização e promoção humana, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e a Doutrina Social da Igreja. Pretende-se explicitar a intrínseca relação entre o anúncio do Evangelho e a promoção da dignidade humana, compreendendo que uma autêntica evangelização deve ter em conta a libertação integral da pessoa, a partir do anúncio do Reino de Deus como força de vida que irrompe da história e boa notícia, sobretudo, para os pobres. Para tanto, dividimos o nosso texto em quatro tópicos: 1) Evangelização e promoção humana, 2) O serviço da caridade: missão da Igreja, 3) O serviço aos pobres, 4) Por uma evangelização encarnada.

É importante ter presente que a Doutrina Social da Igreja é onde o cristão encontra um conjunto de reflexão, os critérios de julgamento e as diretrizes de ação donde partir para promover no mundo um humanismo integral e solidário. O ensino e a difusão da doutrina social fazem parte da missão evangelizadora da Igreja¹.

Desejamos que as profundas reflexões do Papa Francisco e as riquezas da Doutrina Social da Igreja inspirem a ação evangelizadora da Igreja nos dias de hoje, a fim de que o anúncio do Evangelho esteja cada vez mais associado à prática da justiça e da caridade em vista do bem comum.

2. Evangelização e promoção humana

No capítulo IV da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco trata sobre a dimensão social da evangelização, ressaltando que “o querigma possui um conteúdo inevitavelmente social” (EG 177), pois o compromisso com a caridade é integrante ao Evangelho.

Na base da fé cristã está o anúncio de um Deus que, por amor a cada ser humano, assumiu a carne humana na pessoa do seu Filho Jesus Cristo, para conferir a todo ser humano uma dignidade infinita e fazê-lo participar da comunhão trinitária. Segundo o Papa Francisco, a partir do coração do Evangelho, devemos reconhecer a íntima conexão que existe entre

¹ A maior parte das citações referentes à Doutrina Social da Igreja encontra-se no Compêndio da Doutrina Social da Igreja, do Pontifício Conselho Justiça e Paz. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 7. Ao fazer referência ao Compêndio da Doutrina Social da Igreja, vamos utilizar a sigla: DSI.

evangelização e promoção humana (*EG 178*), reafirmando o que já consta no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*:

Entre evangelização e promoção humana, há laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas um ser condicionado pelo conjunto de problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode dissociar o plano da criação do plano da redenção; laços de ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade {...} (*Compêndio da DSI 66*).

Como se pode observar, o ensino social da Igreja é claro ao dizer que a evangelização não seria completa se não tivesse em conta o recíproco apelo que continuamente se fazem o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social do homem, pois “nada do que é humano pode parecer estranho ao Evangelho” (*Compêndio da DSI 66*).

A Igreja é chamada a anunciar não uma ideia, mas uma pessoa que se fez carne, que de algum modo, uniu-se a todo homem, como belamente expõe o Concílio Vaticano II: “trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Semelhante em tudo a nós, exceto no pecado” (*GS 22*). No centro da mensagem de Jesus está o anúncio do Reino de Deus que, em síntese, “é a benevolência incondicional de Deus para com os humanos, manifestação de supremo amor por cada ser humano” (*SCHILLLEBECKX, 2008, p. 136*). Esta parece ser a percepção que Jesus tinha a respeito do Reino de Deus, segundo Schillebeckx. Por isso, em toda sua ação, Jesus deixa transparecer que “seu Deus é um Deus que olha os humanos” (*SCHILLLEBECKX, 2008, p. 136*); um Deus que se compraz em dar-nos o Reino (*Lc 12,32*).

Jesus Cristo fala do Reino de Deus com sinais bem concretos, mostrando que sua realização vai além do nível puramente espiritual, pois trata-se de um projeto que abarca tudo: mundo, homem e sociedade. A totalidade da história deve ser transformada por Deus, pois a história é o lugar onde o Verbo se encarnou; o lugar da parceria entre Deus e o ser humano. É do chão da história, muitas vezes banhado com lágrimas, sangue e suor, que continuamente brotam os clamores dos oprimidos, o lamento dos pobres, a angústia dos desvalidos, que tocam o coração de Deus, fazendo-o contorcer-se de misericórdia, como ocorreu com o povo de Israel no Egito: “Eu vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição, tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los” (*Ex 3,7-8*).

Na práxis de Jesus, o Reino de Deus se faz presente através de sinais extraordinários que mostram que o tempo de Deus chegou: “os cegos veem, os paráliticos andam, os surdos ouvem” (*Mt 11,5*). Porém, continua a realizar-se na história como acontecimento dinâmico, até seu acabamento final, quando passar o mundo pecador e toda criatura humana for transfigurada: aí não haverá mais sofrimento nem luto, a morte será rompida, e Deus será tudo em todos

(BOFF, 2003, p. 43). O Reino, portanto, é dom de Deus, apelo de conversão para o ser humano e convite para o compromisso do cristão com a causa da justiça e da promoção da dignidade humana. A causa do Reino de Deus é, pois, inseparável da causa do bem comum, da inclusão dos pobres e da promoção da paz social.

3. O serviço da caridade: missão da Igreja

Conforme adverte Francisco, se a dimensão social da evangelização não for devidamente explicitada, corre-se o risco de empobrecer o conteúdo essencial do anúncio do Evangelho, que é a caridade (EG 176-177). Afinal, o contato com o Evangelho é a experiência de encontro com Aquele que nos amou por primeiro (1Jo 4,19), e que provoca em nós o desejo de cuidar do outro, como um irmão. Na práxis cristã, o amor a Deus é inseparável do amor ao próximo. Deste modo, “da natureza missionária da Igreja brota inevitavelmente a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (EG 179).

“Não amemos só com palavras” (1 Jo 3,18), adverte João. Para ser coerente ao Evangelho, a fé cristã é constantemente desafiada a superar uma relação individual e verticalista com Deus para uma espiritualidade que se fortalece no encontro, na proximidade, no engajamento social e na promoção da fraternidade. A religião não pode ser relegada à vida privada das pessoas, sem qualquer influência na vida social, sem se deixar afetar pelos problemas que afligem os cidadãos (EG 183). Como bem intuiu o Concílio Vaticano II, a Igreja deve ter como suas as preocupações e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de todos os tempos. “Tudo que é verdadeiramente humano, ressoa-lhe no coração” (GS 1).

A dicotomia entre fé e vida, evangelho e compromisso social sempre trouxe prejuízos ao cristianismo e ineficácia à ação evangelizadora da Igreja, abrindo brechas para que a fé cristã fosse de novo seduzida por uma “mentalidade gnóstica”, ao postular um espiritualismo desencarnado, como bem observou o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*: “preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo” (GeE 36-37).

A palavra de Jesus comporta sempre um componente ético, porque é dirigida à pessoa humana concreta, que participa da vida sócio-política, e é influenciada por ela. A missão dos discípulos de Jesus de ser sal da terra, luz do mundo e fermento na massa (Mt 5,13; Mt 13, 33), consiste justamente em transformar o mundo, pelo influxo do Evangelho, em espaço de

fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Em outras palavras, é permitir que o próprio Deus, com seu Reino, venha conduzir os rumos da história.

A tradição da Igreja sempre ensinou que o Evangelho deve ser anunciado integralmente a todos os homens e ao homem todo. Esse é o princípio de discernimento que Paulo VI já considerava como critério para o verdadeiro desenvolvimento. O Papa João Paulo II, na *Sollicitudo Rei Socialis*, escrita por ocasião do vigésimo ano da *Populorum Progressio*, recorda, como já propunha Paulo VI, que o desenvolvimento deve ser integral, por isso, deve promover a dignidade humana e atender a contento as dimensões sociais, econômicas e políticas das pessoas, das nações e dos povos, bem como a identidade cultural e a abertura para o transcendente (*SRS* 32-33). Tanto a ação política quanto a ação evangelizadora devem levar em conta a integralidade da pessoa, para que aconteça, de fato, uma autêntica promoção da dignidade humana (*EG* 181).

4. O serviço aos pobres

Na missão da Igreja em promover a caridade, ocupa um lugar especial o serviço aos pobres, uma vez que o próprio Cristo se fez pobre (2 Cor 8,9) e sempre se aproximou dos marginalizados. O documento de Aparecida nos lembra que a opção pelos pobres decorre da fé cristológica, e por isso, “os cristãos são chamados a contemplar, nos rostos sofredores dos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles” (DAp 393). Desta atitude, nasce a solidariedade que deverá se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa dos mais vulneráveis e excluídos e no incentivo para que sejam sujeitos de transformação da situação em que se encontram. Nesta mesma Conferência, recordou o Papa Bento XVI que “a Igreja é convocada a ser advogada da justiça e defensora dos pobres diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu” (DAp 395).

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que os pobres têm muito a nos ensinar, pois nas suas dores experimentam o Cristo sofredor. Por isso:

A nova evangelização é o convite a reconhecer a força salvífica de suas vidas, e a coloca-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus quer nos comunicar através deles (*EG* 198).

A situação de injustiça em que vivem os pobres interpela o cristão a adotar uma postura crítica e profética frente à sociedade, apontando as contradições de um modelo sócio-político-econômico que coloca o lucro acima da vida, aprofundando as desigualdades sociais e o desequilíbrio do planeta, pois trata-se também de uma crise ambiental. É lamentável e absurda

a constatação de que no cenário mundial pouco de mais de 1% da população detém metade de todas as riquezas produzidas em escala global, enquanto a grande maioria vive na pobreza e na privação. Com grande preocupação, o Papa Francisco traz esses dados em seu livro ‘Vamos sonhar juntos’, lançado em meio à pandemia (FRANCISCO, 2020, p. 122). É de causar indignação o fato de saber que muitas pessoas ainda padecem de fome em um mundo que tem condições de produzir alimentos para todos. Isso mostra o quanto o coração humano está corrompido pelo pecado da ganância e da indiferença.

Só é possível sair desta crise na qual a humanidade se encontra pela via da solidariedade. A grande lição da pandemia, segundo o Papa Francisco, foi nos recordar que ninguém pode se salvar sozinho, salvamo-nos como um povo, como membros de uma grande família (FRANCISCO, 2020, p. 117). E o que une a todos é o que chamamos solidariedade. De acordo com a Doutrina Social da Igreja, “a solidariedade é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos” (Compêndio da DSI 117). Neste sentido, a solidariedade vai além dos atos de generosidade e filantropia, é o convite a abraçar a realidade em que somos unidos por laços de reciprocidade. É fazer com que, à mesa, haja lugares para todos, e não se contentar em apenas partilhar as migalhas ou o que sobra (FRANCISCO, 2020, p. 117-121). Com grande inspiração profética, continua Francisco:

O problema não está em dar de comer ao pobre, vestir o nu, acompanhar o doente, mas em considerar que o pobre, o nu, o doente, o preso, o desalojado têm dignidade para se sentarem às nossas mesas, sentirem-se em casa entre nós, sentirem-se família. Esse é o sinal que o Reino dos céus está entre nós (FRANCISCO, 2020, p. 123-124).

O Papa Francisco quer nos fazer compreender que a opção pelos pobres supõe uma partilha recíproca de amizade, convívio, proximidade e encontro. Nisto se expressa o “primado da prática da caridade cristã”, afirma o Santo Padre (EG 198). A postura de Francisco inegavelmente tem ajudado a sociedade a desenvolver processos de hospitalidade e respeito em relação aos refugiados, sobretudo os pobres, como reação à chamada “aporofobia”². Sem dúvida, a efetiva opção pelos pobres continua sendo um desafio para a Igreja, que se vê constantemente interpelada pelo evangelho e a própria realidade, pois em qualquer direção que olharmos, vamos nos deparar com alguém em situação de vulnerabilidade. O ponto de partida é a vivência de uma espiritualidade construída a partir do evangelho encarnado, do despojamento e da assimilação com o mistério da cruz do Senhor. É ir na contramão de uma

² Aporofobia é um termo cunhado pela filósofa espanhola Adela Cortina, que significa rechaço, aversão, desprezo e mesmo ódio em relação ao pobre; é a atitude de exclusão de quem não tem nada a retribuir do contrato político, econômico e social (PEDROSA, L. Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade: uma reflexão antropológica diante da crise migratória, p, 10, 2020).

cultura do consumo, do individualismo e do descarté, e acreditar que, unidos pelos laços da fraternidade, somos mais fortes.

5. Por uma evangelização encarnada

A fé cristã está a serviço de uma Palavra que se encarnou, mas que continua a encarnar-se, surpreendendo os que a acolhem (EG 233). Por isso o anúncio do Evangelho é sempre uma tarefa urgente. Não é por ideologia que a Igreja se coloca como defensora da vida e da dignidade humana; sua inspiração vem da fé em Cristo e do compromisso com a vida. É do encontro com Cristo, Verbo encarnado, que nos amou até o fim, que o cristão compreende a sua vocação de cuidar da vida, sobretudo dos mais frágeis, e ser promotor da fraternidade e da paz social. Nisto consiste uma evangelização a serviço da promoção integral da dignidade humana.

A evangelização, como já expusemos aqui, para atingir e renovar as consciências, precisa penetrar no mais profundo da existência humana, pois o Evangelho tem um dinamismo próprio, uma potência de vida capaz de mudar radicalmente a vida de quem o acolhe, de modo a torná-lo sujeito de transformação social. Lembra-nos o Papa Francisco que, são as obras de justiça e caridade que tornam fecunda a Palavra. Por isso, não tornar a Palavra realidade, não colocá-la em prática, é como construir sobre a areia, esbarrando-se em intimismos e gnosticismos que esterilizam seu dinamismo (EG 233). Jesus criticou duramente os fariseus e mestres da Lei por desvincularem a Palavra de Deus do seu apelo à caridade, à justiça e à misericórdia. Chamou-os de hipócritas (Mt 23, 1-3; 13-35) porque, dizendo-se conhecedores da Palavra, não praticam o que ensinam, manipulando a Lei para justificarem suas condutas de preconceito e exclusão, em nome de um preceito religioso vazio.

Fiel ao mandato do Senhor, a Igreja tem a missão de fecundar a sociedade com o fermento do Evangelho, envolvendo todo o tecido social em sua solicitude missionária e salvífica, pois à medida em que a Igreja evangeliza o social, ela colabora na construção de uma “cidade do homem mais humana porque mais conforme com o Reino de Deus”. Esta é a via pela qual a Igreja percorre para revelar no mundo o amor redentor de Cristo, que abraça a inteireza do ser do homem e da mulher, implicado no tecido das relações solidárias (Compêndio da DSI 62-65).

Uma evangelização encarnada não vê o mundo como inimigo nem as diferenças como ameaça. Ao contrário, pauta-se no diálogo e no respeito, absolvendo as riquezas dos valores culturais numa atitude de fraternidade recíproca. Esse estilo de evangelizar, que dá primazia à

escuta e ao diálogo, é o que melhor se alinha à proposta sinodal do Papa Francisco para a Igreja nos dias de hoje.

Na esteira das Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe, a ação evangelizadora da Igreja nunca pode perder de seu horizonte de missão os pobres, os últimos da sociedade, “os sem rostos”, “os crucificados da história”. É a partir de um olhar misericordioso para com os que estão nas periferias geográficas e existenciais que a Igreja é desafiada na sua fé e constantemente provocada a assumir um estilo do bom samaritano.

Em toda a sua tradição, a Igreja sempre procurou interpretar, à luz do Evangelho, os caminhos da história. Como “perita em humanidade”, como a qualificou o Papa Paulo VI, a Igreja tem uma palavra a dizer sobre o sentido da vida das pessoas e da sociedade. Não uma palavra qualquer, mas uma palavra de vida e esperança que ressoe nas vicissitudes da história, desvelando a cada homem e a cada mulher a sua irredutível dignidade e, por isso, a sua vocação a uma vida plena (Compêndio da DSI 61). Esta palavra brota sempre do Evangelho, pois Cristo é a Boa Notícia por excelência, a perene oferta de salvação para toda a humanidade. Com efeito, “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Com efeito, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,16-17).

6. Conclusão

A Doutrina Social da Igreja e as reflexões do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* são uma resposta de inspiração profética aos apelos por uma evangelização encarnada, que leve em conta a integralidade da pessoa. Sabemos que a Igreja, em sua ação pastoral e evangelizadora, deu passos importantes na tentativa de integrar a mensagem do Evangelho à vida concreta das pessoas e da sociedade, mas é necessário avançar nesta direção, pois ainda persiste na mentalidade de muitos cristãos a ideia de que fé e vida, Evangelho e compromisso social não se implicam. E as consequências de tal postura são desastrosas e claramente contraditórias. O fato de o Brasil ser um país de maioria cristã, e figurar entre os países com maiores índices de desigualdades sociais, corrupção e pobreza, é um exemplo claro de que a fé pouco incide no comportamento sócio-político dos que se declaram cristãos.

A Igreja católica do Brasil, através do seu episcopado, sempre apontou a promoção da dignidade humana e a opção pelos pobres como componentes da evangelização. Nesta mesma perspectiva, as campanhas da fraternidade, realizadas durante a quaresma, recordam-nos sobre o valor inviolável da vida e do compromisso da Igreja em promover a cultura do encontro, da

fraternidade e do cuidado, no estilo do bom samaritano, compreendendo que sempre “é tempo de cuidar”, pois é o amor que coloca a Igreja nesse movimento em prol da vida, tanto a vida humana quanto a vida do planeta, nossa casa comum. Diante da atual crise socioambiental, torna-se ainda mais urgente o entendimento de que uma evangelização integral deve estar a serviço de uma ecologia integral.

Para o Papa Francisco, não basta saber que os “os pobres são os prediletos do Reino de Deus”; é preciso ser amigo deles e tê-los presentes em nossos planos pastorais (EG 198). Por isso, a Igreja é convidada a assumir com mais dinamicidade e profetismo o dia mundial dos pobres, instituído pelo Papa Francisco, a ser celebrado no domingo que antecede à festa de Cristo Rei, como reação à uma cultura da indiferença e do descarte.

Por fim, é importante dizer que a Igreja nunca pode dar por esgotada a sua missão de anunciar e testemunhar a palavra que Jesus lhe confiou, pois “o Evangelho não cessa de ser Boa Nova enquanto não for anunciado a todos, enquanto não fecundar e curar todas as dimensões do homem, enquanto não unir todos os homens à volta da mesa do Reino” (EG 237). Neste sentido, a Doutrina Social da Igreja continua sendo um lugar a ser visitado, um ‘baú’ onde a Igreja sempre tira coisas novas para irradiar no mundo a beleza do Evangelho, tornando-o Palavra viva no coração da humanidade.

Referências

- BOFF, Leonardo. Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso Tempo. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CELAM. Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Edições CNBB, Brasília, 2007
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, F (Org). Compêndio do Vaticano II. Constituições, Declarações. Petrópolis, Vozes, 1997.p. 141-256.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete Et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO. Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- JOAO PAULO II. *Sollicitudo Rei Socialis*. São Paulo: Paulinas, 1988.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1975.

PEDROSA, Lúcia. Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade: uma reflexão antropológica diante da crise migratória. *Revista Pistis Prax., Teol. Pastoral*. Curitiba, v. 12, n. 1, p, 05-25, jan.abr. 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução: CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.

SCHILLEBECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.